

# IRENE MARGARETE HELENE GEBHARDT FREUDENHEIM<sup>1</sup>

(Frankfurt (Oder), Alemanha, 1932)



Irene Freudenheim. Berlim, setembro de 2018.

Acervo: I. G. Freudenheim/SP; Arqshoah/

Leer-USP.

---

1 Texto baseado na entrevista concedida por Irene G. Freudenheim a Pablo Villarrubia e Maria Luiza Tucci Carneiro. S. Paulo, 2015, complementada via Skype em 2018 por Llor Serra e por vários e-mails intercambiados com a entrevistada. Pablo Villarrubia Mauso, escritor e doutor em jornalismo pela Universidade Complutense de Madri, autor de vários artigos com entrevistas com sobreviventes da Segunda Guerra Mundial em vários países e colaborador do Projeto Vozes do Holocausto. Montserrat Llor Serra, jornalista e escritora espanhola, autora de *Vivos en el Averno Nazi* (2014) e *Atrapados: guerra civil y represión, hablan las víctimas de Franco* (2016), especializada em vítimas da Segunda Guerra Mundial e da Guerra Civil Espanhola. Colaboradores do Arqshoah/Leer-USP. Revisado por Irene Freudenheim, 10.9.2020.

## ***Simplemente Irene G. Freudenheim***

Meu nome é Irene Margarete Helene Gebhardt Freudenheim ou, simplesmente, Irene G. Freudenheim. Nasci na Alemanha no dia 23 de abril de 1932, em uma cidadezinha perto de Berlim chamada Frankfurt (Oder).

Sou filha de Elisabeth Eloesser Gebhardt (1907-1987), que no âmbito caseiro era chamada “Lisel”, e de Hermann P. Gebhardt (1903-1984).<sup>A</sup> Meu nome significa “paz” em grego e por isso meu pai teria insistido em tal nome em contraposição ao clima de ódio instaurado por Adolf Hitler naquele momento histórico. Meus pais reagiram à situação em que viviam os judeus na Alemanha fugindo, em 1937, para o Uruguai, escapando da fúria dos nazistas. No entanto,

A- A história registrada de Frankfurt (Oder) começa no século XIII como um assentamento eslavo ocidental. Ao longo de sua história, fez parte do Reino da Polônia, da Margraviada de Brandemburgo, da Coroa da Boêmia, da Prússia e da Alemanha. Após a Segunda Guerra Mundial, a parte oriental de Frankfurt tornou-se parte da Polônia sob os termos do Acordo de Potsdam e foi renomeada Ślubice, enquanto a parte ocidental se tornou uma cidade fronteira da República Democrática Alemã em 1949. Durante a era comunista, Frankfurt (Oder) alcançou o pico populacional com mais de 87 mil habitantes no final da década de 1980. Após a reunificação alemã, a população diminuiu significativamente, mas se estabilizou nos últimos anos em cerca de 58 mil habitantes. A partir de 2020, a cidade passou a desempenhar um papel importante nas relações germano-polonesas e na integração europeia. O nome oficial Frankfurt (Oder) e o antigo Frankfurt an der Oder são usados para distingui-la da cidade maior, Frankfurt am Main.



Frankfurt (Oder), Alemanha, cidade natal de Irene G. Freudenheim.  
Google Maps.

na Alemanha ficaram vários parentes maternos e paternos, muitos dos quais faleceram, vítimas do Holocausto. Sempre rendo minhas homenagens à memória dos meus antepassados para que o legado deles não se perca no tempo e no espaço.<sup>A</sup>



Frankfurt (Oder), localizada no lado oeste do Rio Oder, na fronteira Alemanha-Polônia, cerca de 80 quilômetros de Berlim, maio de 2014.

Fotografia de Matthäus Merian. Disponível em: [https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/5/59/01\\_Luftbild\\_Frankfurt\\_oder\\_Slubice\\_09072011.jpg](https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/5/59/01_Luftbild_Frankfurt_oder_Slubice_09072011.jpg). Acesso em: 1º set. 2020.

A- “Uma conversa com Irene sempre é e será enriquecedora, pois costuma relacionar suas histórias familiares dentro do contexto histórico, com os costumes de época e, especialmente, referenciando tudo com nomes de autores e suas respectivas obras. Em sua casa em S. Paulo, no bairro do Brooklin Paulista, em visita realizada junto com a historiadora Maria Luiza Tucci Carneiro em 2015, ela recordou seu passado, conversando em espanhol, língua de afeição que aprendeu no país que a acolheu, o Uruguai, e do qual tem muitas boas lembranças. Irene, além do espanhol, domina o alemão, inglês e português, mantendo intensa correspondência por e-mail com pessoas de todo o mundo interessadas nos assuntos relativos à Segunda Guerra Mundial, especialmente, e ao povo judeu como um todo.” Pablo Villarrubia e Montserrat Llor Serra.

## *A família Gebhardt*

Meu pai, o advogado Hermann P. Gebhardt, nasceu em 28 de dezembro de 1903 e faleceu em 12 de novembro de 1984. Seus pais, meus avós paternos, chamavam-se Wilhelm Gebhardt (1857-1932) e Helene May Gebhardt (1861-1930). Meu bisavô era o rab. e filósofo Julius Gebhardt (1810-1885) cujo nome hebraico era *Judah ben Seev*. Julius Gebhardt era um rabino muito progressista para sua época e ensinava religião para meninas. Suas prédicas, em alemão – o que era pouco comum naquele tempo, pois os rabinos usavam o hebraico e o ídiche\* – eram ouvidas até mesmo por oficiais do Exército germânico. Curiosamente, ele e um

tataravô do meu marido, Federico, se conheceram na inauguração de uma sinagoga em Turíngia.

Os Gebhardt constituíram uma linhagem de advogados na Alemanha. Um deles foi Julius Gebhardt, irmão mais velho do meu pai. Ele era judeu, tanto pelos ancestrais quanto por religião, mas, após décadas, e casado com uma não judia – professora de escola primária – converteu-se ao protestantismo. Depois, a família, com dois filhos, fugiu e se instalou em Londres, onde Julius teve um arrobo de misticismo e se converteu ao catolicismo. Mas, pasmem, no leito de morte suas últimas palavras foram: “*Wir armen Juden!*” (“Coitados de nós, judeus!”). Não há mais judeus entre os descendentes (netos e bisnetos) de Julius e Grete Gebhardt.

O primeiro advogado da família foi Wilhelm Gebhardt, figura muito popular entre os camponeses da região. Contava meu pai que muitas vezes o pai dele recebia galinhas e verduras como honorários. Sua especialidade era o direito relativo ao uso das águas dos rios e lagos. Embora fosse culto e tivesse uma vida acomodada, vestia-se modestamente. Quando interpelado, respondia: “Todos sabem quem sou e a roupa que visto não faz diferença”.

Eu estive em Frankfurt (Oder) em 1993 e encontrei, no arquivo do registro civil, dois anúncios fúnebres referentes ao meu avô, confirmando que ele havia sido uma personalidade importante. Faleceu antes da chegada do nazismo. Sua esposa, Helene May, de Hamburgo, era filha de Hermann May, importante advogado daquela cidade. Parece que foi o primeiro advogado judeu que quase chegou a ser juiz de direito. Era tão respeitado que os representantes municipais se levantavam quando ele entrava na sala de audiência. A irmã de Helene, Gertrud May, casou-se com Peter Smolenski, da cidade de Trieste, e acabou mudando para a Itália. O irmão, Hugo May, era “a ovelha negra” da família, por ter ficado com parte da fortuna de uma jovem da qual era tutor. A esposa, com quem Hugo tinha dois filhos, se separou dele, e o pai, Hermann May, o expulsou da família. Depois disso foi embora da Alemanha e acabou vindo para o Brasil; chegou em S. Paulo por volta de 1900. Se tornou um “cidadão exemplar”, virou protestante e chegou a ser diretor da Escola Alemã. Está enterrado no cemitério dos Protestantes.

A tragédia também assolou a família Gebhardt antes mesmo da chegada do nazismo. Meu pai era muito jovem e por isso não lutou na Primeira Guerra Mundial, porém, um

dos irmãos, Walter, foi convocado. Ele voltou totalmente transtornado do campo de batalha e teve que ser internado em uma clínica psiquiátrica. Meu pai e meu tio raramente falavam sobre ele. Documentos oficiais da época apontam que Walter faleceu por causas naturais em 1942. Mas, pelo que sabemos, muitos doentes mentais, até mesmo não judeus, foram mortos pelos nazistas antes e durante a Segunda Guerra. Certamente Walter Gebhardt foi assassinado.

### ***Arthur Eloesser, meu avô intelectual***

Do lado materno, meu avô é Arthur Leo Eloesser (Berlim, 20 de março de 1870 – Berlim, 14 de fevereiro de 1938), nascido no seio de uma família de classe média judia, não muito religiosa. Seu pai, Theodor Tobias Eloesser (1831-1901),<sup>A</sup> era um pequeno comerciante que se mudou para Berlim da Prússia Oriental, onde seus antepassados haviam sido curtidores de peles desde o século XVI. O pequeno Arthur deparou-se com pouco ou nenhum antissemitismo na sua infância, talvez também porque na escola primária que frequentava, que era pública, não havia ensino religioso. Sobre a mãe de Arthur, Johanna Levin (1845-1911), minha bisavó, sei muito pouco. Johanna e Theodor tiveram cinco filhos: além de Arthur, Wilhelm, Richard, Ida e Fanny.

A primeira escolha de Arthur fora estudar História na universidade. Porém, as repetidas e virulentas diatribes antissemitas do professor Heinrich von Treitschke o fizeram mudar de área. Passou a frequentar a Faculdade de Letras e seminários de história do teatro. Também estudou durante um semestre em Genebra, na Suíça. Sua tese de doutorado em

A- Theodor Tobias Eloesser nasceu na Alemanha em 5 de novembro de 1831 e faleceu em 18 de agosto de 1901. Era casado com Johanna Levin (1845-1911), filha de Jacob Wolf Levin e Fanny Dauss Levi. Tiveram cinco filhos: Arthur Leo Eloesser; Wilhelm Eloesser (1865-1914), casado com Gertrude Eloesser (filhas: Charlotte Sara Stein e Johanna [Henni] Eloesser Dauss); Fanny E. Levy (1869-1942); Richard Eloesser (1871-1923); e Ida Johanna Eloesser Blumenthal (1866-1931).

1892 foi sobre “*As mais antigas traduções alemãs das comédias de Molière*”. Seu anelo de dedicar-se à carreira de docente universitário foi frustrado por “um pequeno detalhe”: ele não aceitou o conselho dos seus orientadores de converter-se ao catolicismo ou protestantismo. Apesar de pouco apegado a sua religião, Arthur considerava que uma conversão, mesmo proforma, seria um ato pouco ético. Ele começou a escrever ensaios e a viajar com frequência e, já em 1898, publicou seu primeiro livro: *O drama burguês, sua história nos séculos 18 e 19*. Um ano mais tarde ele seria convidado pelo importante jornal berlinense *Vossische Zeitung* para integrar o plantel de críticos teatrais. Começaria, a partir de então, uma sólida carreira, atuando também como conselheiro literário da Editora S. Fischer.<sup>A</sup>

Em 1903, Arthur Eloesser casou-se com Margarete Nauenberg (1881-1942), residindo na Bambergerstrasse 45, em Berlin-Schöneberg. Eles tiveram dois filhos: Max Theodor Eloesser (1905-1963) e Elisabeth Marianne Eloesser Gebhardt (1907-1987), minha mãe. Elisabeth nasceu em Berlim em 25 de junho de 1907 e faleceu em S. Paulo em 4 de novembro de 1987. Lisel, como era chamada no âmbito familiar, não estudou em uma escola judaica, mas sim em um colégio onde a elite era judia. Teve uma infância feliz e gostava muito de assistir a peças teatrais, o que a levou a frequentar uma escola de teatro na adolescência. A trajetória de Lisel estará ligada, como contarei mais adiante, ao advogado Hermann P. Gebhardt (meu pai) e ao Uruguai.

Meu tio Max era um pouco rebelde e não queria ser intelectual, e sim proletário, desprezando todas as maneiras finas da burguesia. Como nos anos 1930 não havia trabalho

A- Arthur Leo Eloesser pode ser considerado como um dos primeiros *flâneurs*, pelo seu olhar atento sobre a vida cotidiana de Berlim, cidade provinciana que estava se transformando em uma metrópole no início do século XX. Sua trajetória de crítico de teatro, historiador literário e jornalista, expressa os desafios vivenciados pelos judeus de língua alemã que, desde o final do século XIX, tentam se tornar parte da sociedade alemã moderna, tema retomado em seu livro *Vom Ghetto nach Europa. Das Judentum im geistigen Leben des 19* (1936). Em 1919, publicou *Cities And City People* (1919), dando a conhecer a natureza mental e espiritual dos berlinenses, temática retomada em suas reportagens no *Berliner Vossische Zeitung* de 1907 a 1918. Projetou-se também como editor, sucedendo a Paul Schlenther e, em 1927, como biógrafo de Elisabeth Bergner, grande atriz de teatro e cinema. Trabalhou no semanário *Jüdische Rundschau* e, em 1933, tornou-se um dos fundadores da associação *Jüdischer Kulturbund*. (Jüdischer Verlag).

*Irene Margarete Helene Gebhardt Freudenheim*

na Alemanha para um jovem judeu, partiu para a Palestina em 1933, onde se casou com uma mulher encantadora da cidade alemã de Colônia. Eles tiveram um filho, Michael Eloesser, meu primo-irmão, que nasceu em 1950 em Israel, mas que hoje mora em Frankfurt/Main.

Minha avó Margarete, por sua vez, escrevia poemas e peças de teatro infantis e falava diversas línguas.<sup>A</sup> Margarete tinha um irmão mais novo, Ernst Nauenberg. Os dois ficaram retratados neste belo daguerreótipo que foi reproduzido no catálogo da exposição *Brasil, Refúgio nos Trópicos*, com curadoria de Maria Luiza Tucci Carneiro.



Margarete Nauenberg aos 12 anos e seu irmão Ernst aos 8. Berlim, 1893.

Foto de estúdio G. F. Koch.

Acervo: I. G. Freudenheim/SP; Arqshoah/Leer-USP.

A- Margarete Eloesser nasceu em Berlim em 13 de maio de 1881 com o nome de Margarete Nauenberg. Ela era filha de Sophie Crohn (18 de outubro de 1848 – 20 de janeiro de 1918) e Philipp Nauenberg (17 de julho de 1842 – 1º de setembro de 1906), sendo ele proprietário de uma empresa têxtil. Por volta de 1910 o casal Eloesser conheceu o líder social-democrata e membro do *Reichstag*, Ludwig Frank (1874-1914). As cartas de Ludwig Frank a Margarete Eloesser estão impressas no livro publicado em 1924 pela social-democrata Hedwig Wachenheim, *Ludwig Frank. Ensaios, discursos e cartas*. Por volta de 1915, uma peça escrita por minha avó, *Teufelchens Grossmutter*, foi apresentada no Teatro de Arte Alemão na Nürnberger Strasse. Em julho de 1925, o “Conto de Fadas das Flores” foi apresentado no palco ao ar livre da Jungfernheide. De 1926 a 1932, poemas dela apareceram ocasionalmente no jornal *Vossische Zeitung*.



Arthur Eloesser (centro), Margarete [Nauenberg] Eloesser (dir.) e a atriz Lucie Hoflich (esq.). Arendsee, Mar do Norte, 1915. Acervo I. G. Freudenheim/SP; Arqshoah/Leer-USP.



Arthur Eloesser. Berlim, 1930.

## Com o advento do nazismo

Com o advento do nazismo nos anos 1930, quando os escritores e jornalistas judeus já haviam sido proibidos de escrever sobre temas que não fossem judaicos e todos os jornais não alinhados com o regime de Hitler fechados, intelectuais judeus alemães fundaram o *Jüdischer Kulturbund*<sup>A</sup> ou Associação Cultural Judaica, sendo Arthur Eloesser seu cofundador. Os judeus não podiam mais ir ao cinema ou teatro, assistir a concertos ou palestras na Alemanha. O *Kulturbund* recebeu permissão para oferecer espetáculos e palestras, mas com condições precárias e humilhantes.

**A-** *Der Jüdischer Kulturbund* (1933-1941), originalmente chamada *Kulturbund Deutscher Juden* (Associação Cultural dos Judeus Alemães) foi uma instituição criada por intelectuais judeus com o consentimento dos nazistas para acolher artistas judeus desempregados. Foi fundada por Kurt Singer (1888-1944) em 1933. Em abril de 1935 foi obrigada pelos nazistas a excluir o termo alemão, mudando o nome para *Jüdischer Kulturbund*, também conhecido como Kubu. Tornou-se um dos exemplos mais famosos de resistência judaica em resposta à exclusão cultural, mantendo uma ilusão de lazer para seus 70 mil membros em 49 locais diferentes. Organizou apresentações teatrais, concertos, exposições, óperas e palestras em toda a Alemanha, envolvendo artistas, escritores, cientistas judeus etc., que não eram mais permitidos pelo regime de aparecer perante o público. As apresentações aconteceram em locais segregados autorizados com presença “apenas de judeus”, ou seja, alemães judeus e alemães gentios de ascendência judaica e suas eventualmente esposas gentias.



## *Vozes do Holocausto*

Os eventos eram sempre submetidos à censura prévia, também havendo proibição de usar autores ou compositores “arianos”. Por determinação das autoridades não era permitida a presença de não judeus. Mas essa iniciativa servia, ao menos, para oferecer algum trabalho para os artistas de teatro, músicos, palestrantes e técnicos judeus, todos desempregados pelas novas leis raciais. Além disso, proporcionava um pouco de distração a um público sedento de cultura, cuja vida espiritual e cultural havia sido destroçada. Essas pessoas haviam sido despojadas dos direitos mais básicos de qualquer cidadão: não podiam sentar nos bancos das praças nem nadar em piscinas públicas, mesmo naquelas que os próprios judeus haviam doado ao município.



Jovem alemão participa da queima de livros orquestrada por Goebbels e protagonizada por estudantes universitários, integrantes da Liga dos Estudantes Alemães Nacional-Socialistas criada em 1926. Entre os livros queimados naquela noite, estavam obras de Arthur Eloesser, Sigmund Freud, Karl Marx, Albert Einstein, Walter Benjamin, Friedrich Nietzsche, Thomas Mann e Bertolt Brecht, assim como livros escritos por intelectuais da República de Weimar. Tais livros seriam contrários aos ideais do “espírito germânico”, pregando a decadência moral e cultural e “falsificando a História”. A maior parte da lista negra era composta por obras de Ciências Humanas. Praça pública de Opernplatz (hoje Bebelplatz), Berlim, 10 de maio de 1933. Disponível em: <https://collections.ushmm.org/search/catalog/pa26364>.

Acesso em: 11 set. 2020.

*Irene Margarete Helene Gebhardt Freudenheim*

Na casa da família Eloesser circularam dia e noite, até 1934, importantes intelectuais, entre eles Thomas Mann, o famoso autor de *A montanha mágica*, e do qual Arthur foi seu primeiro biógrafo em 1925. Meu avô ficou muito conhecido por sua obra *História da literatura alemã: do barroco até o presente*, publicada em dois volumes em 1929 e 1931, respectivamente. Meu pai, Hermann, dizia que Arthur Eloesser (seu sogro) era um intelectual muito aberto, progressista e que antes de ser alemão, se considerava europeu. Gostava muito da literatura francesa. Os seus livros foram queimados pelos nazistas, como tantos outros, em 10 de maio de 1933.



Arthur e Margarete Eloesser com a filha Elisabeth (esq.) e a neta Irene. Foto de despedida antes de Elisabeth, Hermann P. e Irene Gebhardt emigrarem para o Uruguai. Berlim, 1937. Acervo: I. G. Freudenheim/SP; Arqshoah/Leer-USP.

Meu avô Arthur, sem ser comunista, foi um dos primeiros a perceber o perigo que o nazismo representava. Já nos anos 1920 teve a ousadia de escrever crônicas criticando mordazmente a ideologia racista dos nacional-socialistas. Arthur Eloesser não chegou a testemunhar as maiores atrocidades perpetradas pelo regime de Hitler e seus seguidores; faleceu em Berlim no dia 14 de fevereiro de 1938, depois de uma operação no Hospital Judaico.

Em 1933, ano da ascensão de Hitler ao poder, meu tio Max (filho de Arthur e Margarete) já havia partido para a Palestina. Em 1937, nós já havíamos emigrado para o Uruguai, meus pais e eu. Margarete Eloesser, viúva, teve de enfrentar, sozinha, os terríveis anos do nazismo. Seu irmão, Ernst Nauenberg e sua família, haviam encontrado refúgio no Rio de Janeiro em 1935. Apesar de intermináveis esforços, os familiares não conseguiam visto para Margarete fugir da Alemanha Nazista.

A partir de 1935, com as Leis de Nuremberg,<sup>A</sup> o cerco aos judeus na Alemanha foi sendo apertado cada vez mais. Depois da morte do meu avô Arthur em 1938, meus pais começaram as tentativas para trazer Margarete ao Uruguai. No entanto, o governo uruguaio exigia uma fiança de mil dólares, o que era muito dinheiro naquela época e não tínhamos como juntá-lo. O governo de Getúlio Vargas no Brasil, onde estava o irmão Ernst, não concedia vistos aos judeus refugiados, impondo Circulares Secretas desde 1937.<sup>B</sup> Além disso, na Alemanha os judeus estavam proibidos de viajar de trem, tornando impossível para Margarete chegar até o consulado brasileiro de Hamburgo, onde, diziam, havia diplomatas bem mais humanos que os de Berlim,

**A-** Leis de Nuremberg foram um conjunto de leis antisemitas criadas pela Alemanha Nazista e anunciadas em 15 de setembro de 1935 pelo *Reichstag* numa reunião especial durante o comício anual do Partido Nacional-Socialista dos Trabalhadores Alemães (NSDAP), realizado em Nuremberg. Composto por duas leis: *Leis para a Proteção do Sangue Alemão e da Honra Alemã*, as quais proibiam os casamentos, as relações sexuais fora do casamento entre judeus e alemães, o emprego de mulheres alemãs com menos de 45 anos de idade em casas de judeus; e a *Lei da Cidadania do Reich*, a qual estabelecia que apenas aquelas pessoas com sangue alemão, ou sangue relacionado, eram elegíveis para serem cidadãos do *Reich*. Os restantes eram classificados como sujeitos do Estado, sem qualquer tipo de direitos de cidadania. Um decreto suplementar publicado em 14 de novembro de 1935, e a *Lei da Cidadania do Reich* de 26 de novembro, incluíram os ciganos e os negros definidos como “inimigos do Estado racial”.

**B-** O governo brasileiro manteve cerca de 26 circulares secretas que, entre 1937 e 1948, proibiam e/ou dificultavam a concessão de vistos aos judeus que tentavam fugir das perseguições nazistas e aos sobreviventes do Holocausto. A primeira Circular Secreta nº 1.127 foi emitida em 7 de junho de 1937 pelo chanceler Mário de Pimentel Brandão, ministro das Relações Exteriores do governo Vargas, sendo reafirmada pela Circular Secreta nº 1.249 de 27 de setembro de 1938, durante a gestão do chanceler Oswaldo Aranha, impondo normas à entrada de estrangeiros de origem semita em território nacional. Em 1º de fevereiro de 1948 foi emitida pelo governo de Eurico Gaspar Dutra a Instrução nº 117/511.3 que impunha aos diplomatas brasileiros: “Não visar passaportes de judeus”. Ver CARNEIRO, Maria Luiza Tucci. *Cidadão do mundo: o Brasil diante do Holocausto e dos refugiados do nazifascismo*. S. Paulo: Perspectiva, 2010; *O veneno da serpente*. S. Paulo: Perspectiva, 2013. p. 119-122.

certamente o cônsul Guimarães Rosa e Aracy Moebius de Carvalho (1908-2011), então funcionária da sessão de passaportes, depois sua esposa.<sup>A</sup> Após o começo da guerra, como o pequeno Uruguai ousara desafiar o Eixo, as cartas de Margarete para minha mãe Elisabeth não podiam mais ser enviadas diretamente. Chegavam, com muito atraso, até nós em Montevideu via Erich Rothenberg, um primo refugiado em Amsterdam que, após a invasão da Holanda pelos nazistas, conseguiu fugir com sua esposa para os Estados Unidos. Lembro-me de que o teor dessas cartas era cada vez mais desesperador.

Poucos entre os amigos de Margarete tiveram a sorte de conseguir vistos, outros acabaram cometendo suicídio, como ocorreu com sua tia Gerda. Em 1939 minha avó recebeu ordem de deixar seu lar na Litzensee Uferstr e mudar para um pequeno quarto a ela designado em uma *Juden Wohnung* (residência judaica). Muitas famílias judias sofreram a mesma injustiça. Em 1940 a pensão de Margarete havia sido reduzida a um terço de seu valor. Enviar uma carta por correio aéreo significava passar um dia sem comer. O que a consolava era que sua netinha Irene (ou seja, eu) não era mais uma pária, pois já estava fora da Alemanha. Sem telefone, sem família ou amigos, Margarete foi deportada no dia 25 de janeiro de 1942 para Riga, junto com outras 1.051 pessoas,<sup>B</sup> em pleno inverno, num trem repleto de pessoas tão desesperadas quanto ela. Soubemos depois que entre os deportados que chegavam a Riga, crianças e adultos com mais de 50 anos eram fuzilados nos bosques logo que desciam do trem. Claro que eu não sabia nada disso na época, indo à praia em Montevideu, como qualquer criança de 9

**A-** A trajetória de Aracy Moebius de Carvalho Guimarães Rosa, outorgada pelo Yad Vashem com o título “Justa entre as Nações”, encontra-se publicada no volume 4 da Coleção *Vozes do Holocausto* (Editora Maaynot, 2019), p. 283-318.

**B-** O nome de Margarete Eloesser consta da *Central Database of Shoah Victims' Names* do Yad Vashem, cujo formulário de testemunho foi preenchido por Michael Eloesser, seu neto. *Gedenkbuch Berlins der jüdischen Opfer des Nationalsozialismus*, Freie Universität Berlin, Zentralinstitut für sozialwissenschaftliche Forschung, Edition Hentrich, Berlin, 1995 (Memorial Book of the Jewish victims of National Socialism in Berlin, Free University of Berlin); List of Jewish victims from the Memorial book “Victims of the Persecution of Jews under the National Socialist Tyranny in Germany 1933-1945” prepared by the German Federal Archives. Consta também do livro *Brasil, um refúgio nos trópicos*, de Tucci Carneiro, edição bilíngue publicada pela Estação Liberdade, 1996, p. 61-62, 75.

### *Vozes do Holocausto*

anos. Outra vítima da minha família foi a irmã mais velha de Arthur Eloesser, Fanny Eloesser Levy, nascida no dia 25 de abril de 1869, deportada de Berlim para Minsk, onde foi assassinada pelos nazistas em 1942.<sup>A</sup>



O último retrato de Margareth Eloesser, antes da sua prisão pelos nazistas.

Berlim, s.d. Acervo: I. G. Freudenheim/SP; Arqshoah/Leer-USP.

A- Em 29 de julho de 1942, Fanny Eloesser Levy foi levada no transporte 1/12 para o gueto de Theresienstadt, na Tchecoslováquia, e de lá para Minsk, na Bielorrússia (URSS) onde foi assassinada. Cf. Gedenkbuch Berlins der jüdischen Opfer des Nazionalsozialismus, Freie Universität Berlin, Zentralinstitut für sozialwissenschaftliche Forschung, Edition Hentrich, Berlin 1995 (Memorial Book of the Jewish victims of National Socialism in Berlin, Free University of Berlin).



*Abschied*, poema de Margarete Eloesser publicado no jornal *Vossische Zeitung*, 14 de janeiro de 1932. Acervo: I. G. Freudenheim/SP; Arqshoah/Leer-USP.

## Cartas de Margaret Eloesser

**24 de fevereiro de 1940, postal ao primo Erich Rothenberg em Amsterdam<sup>A</sup>:**

Meu querido Erich, agradeço muito teu último cartão postal, que levou 6 dias, com o endereço do Dr. Bloch. Você continua sendo sempre o mais responsável e prestativo de todos. Lamentavelmente preciso dar-te hoje uma notícia péssima para mim e que te peço encaminhe também para Max. Minha pensão, que era de 117 marcos (mensal), agora (ontem) foi reduzida em 2/3, quer dizer que é 44 marcos, o que não dá para viver nem morrer. Ainda não estou completamente desesperada, porém informei Lisel [mãe de Irene] que minha situação precisa ser resolvida com a maior urgência... mas será que eles conseguem

A- Erich Rothenberg mudou-se para a Holanda com a esposa Lotte e os dois filhos em 1937. Em 1941, Erich e Lotte fugiram para os Estados Unidos após a invasão da Holanda. O filho Heinz Rudi (nascido em 1917), cantor e mais tarde empresário musical, foi preso pelos nazistas na França. Aquela situação extremamente estressante acabou por lhe afetar as cordas vocais. Milagrosamente, seu pai conseguiu subornar os franceses de Vichy para que o soltassem e Heinz fugiu para a Argentina. O filho mais novo, Günther Erich (nascido em 1923) se refugiou na Palestina em 1939, e em 1941 se alistou no Exército britânico para lutar contra a Alemanha.

fazê-lo sem pagar a fiança, essa é minha maior preocupação. Meu Deus, será que no mundo inteiro não há algumas pessoas que possam efetuar o depósito de 1000 dólares por um prazo fixo de dois anos contra 2% como exigido pelo governo de Uruguai? Tantos conseguiram isto, por que eu não? Erich, eu sei que você está a par da minha situação – será que você ficaria muito zangado se te peço o envio de um pacote mais uma vez? De algum jeito eu preciso conseguir um pouco de leite – você me poderia enviar algumas latinhas e também uns queijinhos pequenos? Meio quilo de cacau e se possível um patêzinho de carne. Erich! É tudo tão difícil... Abraços apertados para todos.

**17 de setembro de 1940, carta a sua filha Elisabeth**

Amada filha: Estou muito triste porque não vejo progresso no assunto da minha partida. As coisas aqui não são muito agradáveis e a ausência de telefone faz com que me sinta cada vez mais solitária. Tive uma perda muito grande, minha prima Emmi morreu repentinamente. Coração. Estava sem notícias do filho há tempo e isso acabou com ela. Agora não há mais ninguém da família Nauenberg na Alemanha.

**28 de outubro de 1941, última carta enviada aos filhos**

Meus bons e amados filhos: Desde o dia 3 de outubro estou sem notícias de vocês. Estão bem de saúde, especialmente nossa pequena querida? Será que ainda a verei alguma vez, agora uma mocinha de 9 anos, será que ainda nos abraçaremos alguma vez? Eu fiz minha parte. De Hamburgo chegou uma resposta do Consulado, assinado por Júlio de Castro, que posso contar com permissão para viajar dentro de breve. Agora é você que precisa conseguir o visto o antes possível, precisamos juntar o dinheiro. Ontem te mandei um telegrama, custou DM95! (nota: duas vezes a renda mensal). Filha, onde estão os amigos de USA, onde está o tio Erich? Claro que a morte (nota: suicídio) da tia Gerta me deixou ainda mais prostrada, mas não quero abandonar a esperança, quero ser digna do Papai. Como disse: confio em Deus, peço e exijo que vocês façam TODOS os esforços possíveis para que, um dia, não tenham que se sentirem-se culpados. Beijos vocês três com profundo carinho e grande preocupação. Saudades da mãe que vos ama.

## Stolpersteines para relembrar



Estas pedras foram fixadas na calçada diante das antigas moradias de Margarete Eloesser e Fanny Eloesser Levy. Disponível em: <https://www.berlin.de/ba-charlottenburg-wilmersdorf/ueber-den-bezirk/geschichte/stolpersteine/artikel.179707.php>. Acesso em: 2 ago. 2020.<sup>A</sup>

A- *Stolpersteines*, projeto do artista plástico Gunter Demnig, de Berlim, tem como objetivo criar placas memoriais para relembrar as vítimas do nazismo falecidas durante as deportações, nos campos de concentração, ou por escolherem o suicídio. Lembrando sempre que, a partir de setembro de 1941, Margarete Eloesser, assim como os demais judeus da Alemanha não tinham mais chance de escapar. Em 23 de outubro, o Escritório Central de Segurança do *Reich* impediu a emigração de judeus ao proibir viagens em geral. Pouco antes dessa proibição, os primeiros judeus foram deportados de Berlim em 18 de outubro de 1941. Três meses depois, Margarete Eloesser estava entre os mais de mil judeus que, em 25 de janeiro de 1942, integraram o “Transporte Oriental 10” (10 *Osttransport*) que partiu da estação de trem Grunewald para o gueto de Riga. Após a deportação e a provação de seu assassinato, os bens pessoais de Margarete Eloesser foram confiscados e seus escritos devem ser considerados perdidos. Além de alguns poemas impressos no *Vossische Zeitung*, nada de sua obra lírica ainda se tornou conhecido.

## *Da Alemanha para o Uruguai*

Em outubro de 1937 meus pais e eu conseguimos partir para o Uruguai a bordo do transatlântico Flórida, fazendo uma escala em Marselha e logo seguindo até o porto de Santos, no Brasil, onde estivemos brevemente com uma prima da minha mãe. Era Edith Munter que, então, vivia em S. Paulo. Meu pai tinha 35 anos, minha mãe menos de 30, e eu somente cinco anos. Essa viagem foi maravilhosa para mim, pois um novo mundo se descortinou diante de meus olhos. Viajamos na primeira classe, como era exigido pelos países de acolhida, que não queriam receber imigrantes pobres. No navio eu me diverti muito. Já a bordo, meu pai começou a estudar espanhol com afinco, para se preparar para a nova vida. Sempre teve um sotaque alemão que nunca perdeu.

Chegamos a Montevideú onde nos esperavam os colaboradores da organização judaica JOINT,<sup>A</sup> que ajudava os imigrantes judeus recém-chegados a orientar-se, procurando um lugar para ficarem. Fomos, por um tempo, para uma pensão onde havia outras crianças refugiadas que também falavam alemão. Brincávamos bastante e até montamos pequenas peças de teatro. Também descobrimos a praia que era perto do hotelzinho, uma delícia. Mas essa maravilha durou pouco tempo porque nossos pais tiveram que trabalhar e nós, crianças, ir à escola. Os que não se deram tão bem foram as crianças maiores, como, por exemplo, Federico Freudenheim, meu futuro marido, que chegou aos 12 anos. Ele me contou que embora tivessem trazido uma superbicicleta da Alemanha, ele e a irmã não poderiam usá-

A- JOINT ou JDC – *American Jewish Joint Distribution Committee* – foi fundado em 1914, inicialmente para fornecer assistência aos judeus que viviam na Palestina sob o domínio turco. Entre 1933-1945, dedicou-se especificamente a auxiliar os judeus da Europa Oriental e Ocidental na sua fuga do nazismo e, após a guerra (1945-1950), os sobreviventes do Holocausto em sua reabilitação e imigração. Com sede em Nova York, o Joint tinha o objetivo de agilizar a emigração dos sobreviventes do Holocausto que, após a libertação dos campos de concentração, aguardavam por auxílio nos campos de refugiados organizados pelos Aliados. Durante a guerra, Luis Lorch, então presidente da Congregação Israelita Paulista – CIP, era o representante do Joint no Brasil, sendo depois substituído por Alfred Hirschberg.

*Irene Margarete Helene Gebhardt Freudenheim*

la, pois deveriam vendê-la. A família Freudenheim morava longe da praia e para ir até a orla precisariam pegar ônibus, um luxo para os recém-chegados.

Meu pai escolhera o Uruguai pelas oportunidades que esse pequeno país oferecia, por possuir um regime democrático e clima ameno. A Bolívia e o Paraguai, por exemplo, eram refúgios somente em último caso, pois se tratava de países menos conhecidos e de condições de vida mais difíceis. Antes, ele havia tentado a sorte na Holanda, sem sucesso. Ainda bem, pois sabemos que os judeus que fugiram para Holanda foram caçados pelos nazistas quando a Alemanha invadiu o pequeno país.<sup>A</sup>



A pequena Irene (à frente) na pensão em Pocitos, Montevideú, 1939.

Acervo: I. G. Freudenheim/SP;  
Arqshoah/Leer-USP

A- A Holanda, apesar de neutra, foi invadida pela Alemanha Nazista em 10 de maio de 1940, sob as ordens de Adolf Hitler. Em 14 de maio de 1940, um dia após o bombardeio de Rotterdam, as forças holandesas se renderam. O governo holandês e a família real salvaram-se, indo para Londres. A maioria dos judeus do país foi deportada para campos de concentração. A partir de agosto de 1940, um conjunto de leis antissemitas começou a ser aplicado pelos nazistas na Holanda ocupada. A primeira proibia que os açougueiros matassem os animais por hemorragia de acordo com as exigências kasher\*, alegando que essa prática “manchava a honra nacional holandesa” e que a proibição “preservava os animais da violência judaica”. Em setembro, os comerciantes e lojistas foram proibidos de vender seus produtos nas ruas, e, em seguida, os judeus foram impedidos de exercer cargos públicos, prestar serviços ao governo e ocupar cargos em escola e universidades. A Holanda foi colocada sob a ocupação alemã, que suportou até a rendição alemã em maio de 1945.



Hermann P. Gebhardt com o seu cão Golo.  
Montevidéu, 1948.

Acervo: I. G. Freudenheim/SP; Arqshoah/  
Leer-USP

No Uruguai era impossível exercer a profissão de advogado sem revalidar o título, ou seja, uma burocracia que levaria vários anos. Muitos imigrantes recém-chegados iam vender sorvete na praia. Outros trabalhavam em pequenas fábricas têxteis enquanto as esposas faziam conservas de frutas e doces, como minha futura sogra. Foi uma época difícil, mas rica culturalmente. Lembro-me do dia em que Paris caiu nas mãos dos alemães e a polícia uruguaia teve que colocar vários policiais na frente da nossa casa para nos proteger de simpatizantes do nazismo. Lembro aqui que, ainda na Alemanha, a partir de 1935, meu pai foi proibido de exercer sua profissão de advogado por imposi o das novas leis nazistas. Tentou vender apólices de seguro, sem êxito, pois o comércio não era o seu talento.

O verdadeiro talento do meu pai era a comunica o, escrever artigos e produzir programas de rádio. Por isso alugou um espaço na Rádio  guila CX32 de Montevidéu e criou em 1938 o programa *La Voz del D a* (*Die Stimme des Tages*) com uma hora de dura o.  s oito de cada noite, tocava sua característica vinheta musical, fazia comentários antifascistas e os ansiosos recém-chegados ficavam felizes de ouvir, em alemão, a *Welt von heute* (Mundo de hoje), que esclarecia sagazmente os acontecimentos no conturbado mundo da época. Mais tarde, faria resumos em espanhol desses conteúdos políticos. Minha mãe Elisabeth colaborou iniciando o “espaço da mulher”, ou *Frauenstunde*, e, mais tarde, “o espaço criança”, ou *Kinderstunde*, do qual eu fiz parte.

Meus pais se divorciaram quando eu tinha 11 anos, em 1943. Para mim não foi fácil aceitar essa nova e imprevista situa o. Durante dois ou três anos vivi afastada de meu pai, pois tomei partido da minha mãe, mas depois voltamos a nos aproximar. Tive uma adolescência um pouco difícil, já que meu pai e minha mãe não se entendiam e havia pouco dinheiro para passeios, etc. Assim, eu comecei cedo, com 14 anos, a dar aulas de castelhano



R. Pinkuss (centro) da CIP durante entrevista na rádio *La Voz del Día*, fundada por H. P. Gebhardt (à direita). Montevidéo, 18 de julho de 1956. Fotógrafo Sichel.  
Acervo: CIP-CDM/AHJB/SP.

para estrangeiros para poder comprar meus livros, chocolates, e outras coisinhas. Depois fiz cursos de taquigrafia e datilografia e comecei a trabalhar em escritórios de exportação e importação. Graças ao *La Voz del Día* também me transformei muito jovem em crítica de cinema. Meu pai corrigia meu alemão, já que nunca aprendi a língua formalmente. Fiquei muito empolgada e começou ai, obviamente, meu amor pela sétima arte.



Irene fazendo teatro amador.  
Montevidéo, 1948.  
Acervo: I. G. Freudenheim/SP;  
Arqshoah/Leer-USP.

### **Tributo a Garcia Lorca**

Escrito por Irene Gebhardt aos 13 anos

Un hombre y una lira  
pasaban por un desierto inacabable.  
A su paso, nacían amores,  
cuando la lira tocaba, brotaban flores.  
De pronto en el desierto se abrió un abismo,  
un abismo que al hombre sin lira devoró.  
Y la lira siguió su camino, más grande, más viva.  
Y así, el abismo burlado se vio.  
Vivió la lira, en ella el hombre,  
vivió para siempre, y nunca morirá.  
Un hombre, pequeño ser insignificante,  
que por la lira llegó tan alto,  
que por los siglos se le recordará.

Montevidéo, junho de 1945.

Aos 17 anos conheci Federico (Fritz) Freudenheim,<sup>2</sup> então com 23 anos, na colônia de férias criada por uma mulher incrível, Anne Marie Rubens, em Colônia Valdense. Ela foi uma das primeiras pastoras protestantes alemãs, fervorosa antinazista que teve de fugir da Alemanha e veio parar no Uruguai. Nessa colônia de férias iam os filhos dos imigrantes menos abastados e também de alguns poucos alemães antinazistas, de esquerda, inclusive alguns uruguaios. Ajudávamos nas tarefas cotidianas, como varrer ou lavar pratos, por exemplo. De noite escutávamos velhos discos de música clássica ou alguns dos jovens tocavam violão ao redor da fogueira.

---

2 A história de vida de Federico Freudenheim, esposo de Irene, está publicada no volume II da Coleção *Vozes do Holocausto*, Maayanot, 2017, p. 29-50. Disponível na Base de Dados Arqshoah: <https://www.arqshoah.com/index.php/sobreviventes-testemunhos/5271-st-29-freudenheim-federico>. Acesso em: 11 set. 2020.

Em 1954, meu romance com Federico sofreu uma interrupção quando conheci um jornalista alemão em uma das transmissões radiofônicas do meu pai em Montevideú. Foi quando decidi viajar sozinha, por um tempo, pela Europa e Israel. Fui para a Alemanha, levando junto uma carta de recomendação do meu pai para os meios de comunicação daquele país com os quais ele tinha contato. Fiquei surpresa com o grande número de jornalistas que meu pai conhecia nas suas constantes idas e vindas entre Montevideú e Alemanha. Alguns desses contatos me pediram para escrever, desde Israel, como se vivia naquele novo país, especialmente sobre a juventude, e também sobre a América do Sul. Naquele mesmo ano de 1954 cheguei ao porto de Haifa orgulhosa de ter conseguido uma passagem gratuita da ZIM Line, como “jornalista”. Em Israel conheci meu tio Max Eloesser, sua esposa Zipora e o pequeno Michael, hoje meu único primo-irmão vivo. Logo visitei um *kibutz*\* onde os integrantes falavam inglês, pois eu não dominava o hebraico. Ali conheci vários estudantes, muitos deles críticos do governo da época. Era um ambiente excelente e o espírito do povo, fantástico, mas a comida era horrorosa (risos)! Mandei várias crônicas para os meios de comunicação alemães, sendo algumas publicadas. Trabalhei três meses na secretaria de turismo de Jerusalém, valendo-me dos meus conhecimentos de espanhol, inglês e alemão. No final desse período, decidi que deveria voltar ao Uruguai, pois não queria deixar minha mãe sozinha.

Resolvi escrever ao Federico, pois percebi que não havia ninguém melhor do que ele. Afortunadamente, ele ainda estava à minha espera. Decidimos nos casar assim que eu voltasse ao Uruguai. Em 1955, Federico foi chamado para chefiar uma fábrica de fechaduras em S. Paulo. Combinamos que eu voltaria ao Uruguai via Brasil para encontrar-me com ele, que já estava trabalhando na Lockwell, nome da pequena fábrica. Semanas depois, em dezembro de 1955, nos casamos em Montevideú, para alegria das duas famílias, Gebhardt e Freudenheim. A viagem de núpcias foi a bordo da querida motocicleta “Popol Vuh”, para Atlântida e Punta del Este.

Em janeiro de 1956 nos instalamos permanentemente em S. Paulo. Federico trabalhando como gerente da pequena fábrica de fechaduras e eu como secretária trilingue. Fomos viver em uma pensão e a primeira coisa que compramos foi a *Enciclopédia Britânica*, cujos volumes usávamos como cadeiras para jantar. Mais tarde alugáramos um pequeno apartamento na



Federico e Irene Freudenheim. Montevidéu, dezembro 1955.

Acervo: I. G. Freudenheim/SP; Arqshoah/Leer-USP.

Rua Avandava, no centro da cidade, e quando fiquei grávida nos mudamos para uma casa com jardim, num bairro bem verde, no Brooklin, onde continuo morando até hoje.

Tivemos duas filhas, ambas nascidas em S. Paulo. Irith Gabriela (1958-), a primogênita, socióloga, trabalha na embaixada de Portugal em Israel. É casada com Michael S. Levy e moram em Tel Aviv. O casal têm três filhos: Daniela (1989-), terapeuta ocupacional; Talia (1990-), que estuda para ser guia de turismo; e Ilai (1994-), que está no IDF (Exército de Israel) e estuda Relações Internacionais na Universidade de Jerusalém. Minha filha mais nova, Andrea Michele (1961-), é professora de Educação Física na USP e tem dois filhos: Denis F. Moraes (2000-), que estuda Física na UNICAMP de Campinas, e Elis F. Moraes (2002-), que acaba de entrar na Faculdade de Direito da USP. Eles moram em Vinhedo, no interior de S. Paulo.

*Irene Margarete Helene Gebhardt Freudenheim*

Federico e eu adorávamos viajar. Inúmeros álbuns de fotos me ajudam a lembrar os detalhes das maravilhosas viagens que fizemos sozinhos, com filhas e netos e com amigos. Minha última viagem com Federico foi em dezembro de 2007 por ocasião da *Bar Mitzvá\** de nosso neto Ilai em Tel Aviv; ele já se sentia muito fatigado. Poucos meses depois, Federico nos deixou aos 81 anos, em S. Paulo, no dia 15 de março de 2008.



*Bar Mitzvá\** de Ilai Levi, neto de Irene. Tel Aviv, 27 de dezembro de 2007. A partir da esquerda: Irith, Talia, Ilai, Daniela e Michael. Atrás: Irene (à esquerda), Federico e Andrea. Acervo: I. G. Freudenheim/SP.



Irene com o neto Ilai, seguida das netas Elis, Talia e Daniela. Ao fundo: o neto Denis, e as filhas Irith e Andrea. Frankfurt am Main, 2016. Acervo: I. G. Freudenheim/SP.

## ***Nazistas no Brasil***

Nunca consegui me desvencilhar do doloroso passado. Ao longo de meus muitos anos tenho devorado livros e artigos sobre os fatos ocorridos na Europa durante a Segunda Guerra Mundial. Sempre fui voz ativa para que não sejam esquecidos. Assim, um dia, lendo o livro *Os assassinos entre nós (Murderers among Us)* do célebre Simon Wiesenthal, fiquei sabendo que havia um possível criminoso nazista fugitivo no Brasil. Logo escrevi para o autor, que me pediu para investigar alguns detalhes sobre o provável criminoso. Assim, graças à ajuda de um policial antinazista, obtive cópias dos documentos de imigração daquele indivíduo, inclusive com uma fotografia. Wiesenthal, de posse dos novos dados, verificou que o nome e sobrenome daquele sujeito eram falsos: tratava-se, nada mais nada menos, do nazista Gustav Wagner, cujo cognome era “a Besta de Sobibor”.

Wiesenthal, algum tempo mais tarde, pediu-me para tentar estabelecer contato com a viúva de outro criminoso nazista, Franz Stangl, missão que não consegui levar a cabo. Além do mais, tive que tomar precauções para não ser descoberta pelos nazistas que moravam no Brasil. O nome do meu pai, Hermann P. Gebhardt, e o meu são mencionados no livro do jornalista Tom Segev, *The life and legends: Simon Wiesenthal*, como colaboradores ou “voluntários” do famoso austríaco que ficou conhecido como o caçador de nazistas.

Outro pequeno episódio relacionado com nazistas aconteceu por volta de 1970, às quatro da madrugada, quando tocou o telefone na minha casa. No primeiro momento pensei que fosse o meu pai, que estava na Alemanha e que tivesse esquecido a defasagem horária. Atendi e, do outro lado da linha, ouvi “*Frau Irene, wir werden Sie toeten!*” Era a voz de um homem jovem que, em alemão, ameaçou-me duas ou três vezes: “*Frau Irene, nós vamos matá-la*”. Retruquei, também em alemão e em voz bem alta: “*Pode fazê-lo! Pode completar seu trabalho! Vocês já assassinaram tantos que uma a mais não faz diferença... covardes malditos!*”. Federico não ouviu nada e continuou dormindo ao meu lado. Depois, o indivíduo desligou o telefone e eu não soube nada mais dele. No dia seguinte entrei em contato com a Congregação Israelita Paulista e eles enviaram alguns seguranças para fazerem rondas no quarteirão durante uma semana, vigiando minha casa. Embora fosse pouco provável que atentassem contra mim ou minha família, eu temia que pudessem

envenenar nosso cachorro Guri. Aparentemente a ameaça surgiu em função de uma carta de minha autoria publicada no *Jornal da Tarde* onde eu retrucava outras cartas, enviadas por neonazistas, queixando-se de que os judeus eram vingativos e não sabiam perdoar o passado. Eu respondi dizendo que “nós não podíamos perdoar os algozes nem esquecer as vítimas, e que isso não era vingança.”

Em outra ocasião, a protagonista foi Irith, minha filha que então tinha 11 anos e estudava na Escola Suíço-Brasileira de S. Paulo. Durante uma excursão com a classe a uma praia meio escondida perto de Bertioga ela percebeu que o dono da pousada onde se hospedavam, e que fora amável com ela no primeiro dia de estadia, mudou de comportamento no dia seguinte. Naquele dia, Irith usou uma correntinha com a estrela de David. Deduzimos que ali estava “um nazista camuflado”.

Ao longo da minha vida fiz diversos trabalhos voluntários, a maioria no âmbito da Federação Israelita de S. Paulo, levando alimentos para orfanatos e lares de idosos carentes, melhorando as condições de algumas escolas públicas, por exemplo. Mas a iniciativa de promoção social que achei mais estimulante foi uma realizada com o apoio da Fundação VITAE, que consistia em levar jovens músicos até entidades, como lares de idosos, centros de assistência a crianças com problemas físicos e mentais (também autistas) e até prisões. Os jovens instrumentistas, em troca da apresentação de suas músicas, recebiam aulas ministradas por músicos veteranos de alto nível. A Fundação VITAE era uma fundação internacional que atuou no Brasil de 1985 a 2005 no fomento às artes e à cultura. Foi estabelecida com verbas de um fundo proveniente das Empresas de Mineração Hochschild da Bolívia e Peru, fundadas por Mauricio Hochschild, que viria a ser conhecido como o “Schindler boliviano”.

## ***Construindo pontes***

No dia 14 de novembro de 1998, na cidadezinha alemã Mühlhausen (Thür.), Federico, eu e nossa filha Irith (vinda de Israel) tivemos a oportunidade longamente ansiada de assistir a uma apresentação de *Brundibár*, ópera infantil composta em 1938 pelo tcheco Hans Krása. O compositor foi levado de Praga ao campo de concentração de Terezin em 1942. Esse KZ, para onde foram enviados inúmeros artistas e intelectuais judeus, fora escolhido



Irene Margarete Helene Gebhardt Freudenheim

# Brundibár

Eine Oper für Kinder  
von Kindern.

Text von Adolf Hoffmeister  
(1902-1973)

Musik von Hans Krása  
(1899-1944)



Crianças brasileiras durante o ensaio da opera infantil *Brundibár*, adaptada por Amauri Falsetti e Aglaia Pusch, criadores da Paidéia Associação Cultural. S. Paulo, 2000. Fotografia não identificado. Acervo: Paidéia/SP; Arqshoah/Leer-USP.



A PAIDÉIA TEM O PRAZER DE CONVIDÁ-LO PARA O 1º EVENTO DE LANÇAMENTO DO PROJETO BRUNDIBÁR, COM O OBJETIVO DE CAPTAR RECURSOS PARA REALIZAÇÃO INTEGRAL DA ÓPERA.

## BRUNDIBÁR, de Hans Krása

Encenada por 70 crianças e jovens vindos da Escola Pública, Escolas Waldorf Rudolf Steiner e Micael, além de jovens e músicos da Alemanha e do Coral infanto-juvenil d'A Hebraica.

DIREÇÃO ARTÍSTICA: **Amauri Falseti**

DIREÇÃO MUSICAL: **Paulo Franco**

## Theatro São Pedro

Rua Barra Funda, 171 • São Paulo, SP • Tel: 11 3667 0499

Os desenhos que servem como ilustração neste convite foram feitos pelas crianças de Terezín, da Escola Municipal Gal. Silva Braga e das Escolas Waldorf Rudolf Steiner e Micael.

## PROGRAMA DE LANÇAMENTO

**07 de Outubro de 2000** \_\_\_\_\_ **RS 20,00**

- 20:00 Abertura da exposição  
**"Os desenhos das crianças de Terezín"**,  
do Museu Judeu de Praga;
- 21:00 Quarteto de cordas **Auf dem Weg** - Alemanha  
1. **J. Haydn** - Quarteto de cordas em fá maior  
op. 74 nº 2;  
2. **D. Schostakovitch** - Quarteto de cordas  
nº 8 op. 113 "Para as vítimas do fascismo";  
3. **F. Mendelssohn** - Quarteto de cordas em  
fá menor op. 80;

**10 e 11 de Outubro de 2000** \_\_\_\_\_ **RS 10,00**

- 20:00 Exposições;
- 21:00 Quarteto de cordas **Auf dem Weg** - Alemanha  
( F. Mendelssohn );  
**intervalo**
- 21:40 Lançamento da ópera **BRUNDIBÁR**;

### APOIO:



Consulário  
 Geral de  
 Israel



Consulário  
 Geral da  
 República  
 Tcheca



Governo do  
 Estado de  
 São Paulo



Secretaria  
 de Estado  
 da Cultura



Stefanel  
 Consultoria  
 e Assessoria  
 em  
 Informática



Sterling  
 Commerce



Theatro  
 São Pedro

### COLABORAÇÃO:



GOETHE  
 INSTITUT  
 Instituto Goethe



Associação  
 Beneficente Tobias

Convite e programa para apresentação de *Brundibár* no Theatro S. Pedro. S. Paulo, 7, 10 e 11 de outubro de 2000. Acervo: Paidéia/SP; Arqshoah/Leer-USP.

encenação linda e singela foi apresentada no Theatro S. Pedro, com os alunos da Cia. Paidéia de Teatro. Foi um evento profundamente significativo, pois nos corredores do teatro também foi montada uma exposição de “Desenhos das crianças de Terezin”.



Espectáculo *Marchemói*, baseado no livro *Clarabóia sem luar 1939-45: Memórias de um sobrevivente* de Edward Stulbach. Núcleo de Vivência Teatral Paidéia. S. Paulo, maio/junho de 2007. Acervo: Paidéia/SP. Outros documentos disponíveis em: <https://vdocuments.com.br/claraboia-sem-luar.html>. Acesso em: 11 set. 2020.

Em 2006 caiu nas minhas mãos o tocante livro *Clarabóia sem luar 1939-45: Memórias de um sobrevivente* de Edward Stulbach, avô do ator Dan Stulbach. Logo fui compartilhar minha emoção com os amigos da Paidéia. Amauri, com seu talento e sensibilidade habituais, transformou a autobiografia numa peça teatral. A montagem de *Marchemói*, criação coletiva coordenada pelos atores da Cia. Paidéia, foi apresentada em maio e junho de 2007 no espaço da companhia em Sto. Amaro. Sem dúvida uma inesquecível experiência para os jovens artistas e o público.

## ***Memórias reveladas***

Em 1962 foi publicado em Berlim Oriental, na série “Theater und Drama” do Colloquium Verlag, o livro *Arthur Eloesser – o crítico de teatro*, da escritora Doris Schaaf, que dá início ao redescobrimto das crônicas do livre pensador de estilo discreto, mas pujante, que foi meu avô. Mais adiante, nos anos 1990, o pesquisador e livreiro Horst Olbrich (Berlim) seria um dos responsáveis por recuperar a obra e memória de Arthur Eloesser. Olbrich entrou em contato com meu primo-irmão, Michael Eloesser, e o resultado foi a reedição de vários dos seus livros de crônicas.

No dia 30 de outubro de 1998, no cemitério israelita de Weissensee (Berlim), cerca de noventa pessoas compareceram para render homenagem aos meus avós, e a Fanny Eloesser Levy, irmã de Arthur. Os túmulos dos três são simbólicos e foram colocados ao lado das



Homenagem aos avós de Irene (Arthur e Margarete) e a Fanny Eloesser Levy (irmã de Arthur) no cemitério israelita de Weissensee. Berlim, 30 de outubro de 1998.

Acervo: I. G. Freudenheim/SP; Arqshoah/Leer-USP.

lápides de Johanna e Theodor Eloesser, meus bisavós. O ato contou com a presença de um *chazan* (cantor litúrgico), do biógrafo, do editor das obras de Arthur Eloesser, além de nossa família. Vera Wisten, filha do conhecido diretor de teatro Fritz Wisten, relatou que tivera contato com Margarete Eloesser durante sua infância, em 1939, quando Arthur já havia falecido e Margarete vivia sozinha e praticamente isolada.

Meia hora antes da cerimônia apareceu no cemitério uma estudante. Uta, timidamente, entregou-me uma página de jornal. Disse que estava fazendo sua tese de doutorado sobre o psicólogo de arte Rudolf Arnheim. Vasculhando nos jornais de Berlim dos anos 1930, havia encontrado um artigo de Arnheim no *Vossische Zeitung* de 14 de janeiro de 1932. Ao tirar um xérox da matéria, deparou-se com um poema da minha avó no meio do texto. “Aqui está o poema de Margarete Eloesser” – ela disse. Muito comovida, abri a folha e as palavras começaram a flutuar na minha frente. O título do poema era *Abschied* (Despedida).

Em 6 de setembro de 2011 foi realizada a cerimônia de inauguração de um parque público em Charlottenburg, que recebeu o nome Margarete e Arthur Eloesser Park em



Placa comemorativa do parque público que recebeu o nome Margarete - und - Arthur - Eloesser Park, no bairro de Charlottenburg. Berlim, 6 de setembro de 2011.

Acervo: I. G. Freudenheim/SP; Arqshoah/Leer-USP.

### *Vozes do Holocausto*

homenagem aos meus avós. Nessa homenagem estiveram presentes representantes da prefeitura, o embaixador da Alemanha em Tel Aviv, dezenas de amigos e público em geral. Do Brasil estávamos eu e minha filha Andrea; de Israel veio minha primogênita Irith, com seus filhos Daniela, Talia e Ilai. De Frankfurt/Main, meu primo Michael Eloesser, sua esposa Anja e o filho Yoram Max.



A partir da direita: Ilai, Talia, Andrea, Irene, primo Michael Eloesser, Irith e Daniela. Dependurado no poste da placa está Yoram. Inauguração do Parque Eloesser. Berlim, 6 de setembro de 2011. Acervo: I. G. Freudenheim/SP; Arqshoah/Leer-USP.

*Irene Margarete Helene Gebhardt Freudenheim*

## ***O legado de Hermann P. Gebhardt***

**(1903-1984)**



“Quem foi Hermann P. Gebhardt e qual o seu papel no Uruguai?”  
Prezi Vídeo. Disponível em: <https://prezi.com/iry0kmqurtk2/hermann-p-gebhardt/>.  
Acesso em: 2 set. 2020.

### **Hermann P. Gebhardt**

#### **A voz da resistência antifascista no Uruguai**

Acompanhando o testemunho de Irene Freudenheim, registrado pela equipe Arqshoah/Leer-USP, conseguimos uma síntese da trajetória da família Gebhardt desde a Alemanha até o Uruguai. Convivemos, em cada linha e entrelinha, com seus encantos e desencantos, delineados ora pelas conquistas ora pelos traumas impostos pela violência nazista. A narrativa aqui publicada nos instiga a querer saber mais sobre o Dr. Hermann P. Gebhardt, alemão e judeu, que em 1937 refugiou-se no Uruguai com sua família em busca de

novas oportunidades. Com ele aprendemos uma lição: que diante do(s) fascismo(s), não devemos nos calar.

Assim que chegou a Montevideú, Hermann fundou e dirigiu o programa radiofônico *La Voz del Día*. Através de uma intensa atuação jornalística editada em editoriais diários, assumiu uma importante frente de resistência antifascista que, durante mais de 45 anos, manteve a comunidade dos refugiados alemães na Diáspora atualizados sobre os acontecimentos que abalavam o povo judeu e os ideais democráticos na Europa. A programação diária de *La Voz del Día* manteve viva não apenas a cultura alemã no além-mar, como também firmou seu compromisso com a democracia no Uruguai. Correspondendo ao seu slogan “A única audição democrata de fala alemã-castelhana”, utilizou o rádio como um instrumento político capaz de formar opiniões, difundir a cultura alemã e, ao mesmo tempo, fortalecer a rede de relações dos judeus radicados na América Latina. Ainda que distante da Alemanha, sua terra natal, o jovem Gebhardt cumpriu com sua missão de jornalista crítico, comprometido com os ideais humanistas e democráticos. Foi intransigente na defesa da Liberdade e dos Direitos Humanos que, durante o nazismo, foram desrespeitados por um Estado racista fundamentado em um regime totalitário, xenófobo e antisemita.

Maria Luiza Tucci Carneiro, 2020.

*Irene Margarete Helene Gebhardt Freudenheim*



Programa de rádio *La Voz del Día*. A partir da direita: o diretor de teatro P. Walter Jacob, Hermann P. Gebhardt e o colaborador F. Löwenberg. Montevidéo, 1945.

Prezi Vídeo. Disponível em: <https://prezi.com/iry0kmqurtk2/hermann-p-gebhardt/>.  
Acesso em: 11 set. 2020.



*A Hora das Crianças* dirigida por Elisabeth Eloesser Gebhardt no programa *La Voz del Día*. Irene, ao lado da mãe, atrás do microfone. Montevidéo, 1943.

I. G. Freudenheim/SP; Arqshoah/Leer-USP.

## Vozes do Holocausto

POLITISCHE GRUPPIERUNGEN IM EXIL IN URUGUAY

**KULTURCLUB (KKDA)**  
deutschsprachiger Arbeiter  
gegr. 1932  
Vorstandes: Bruno Müller  
Monatsschrift: Arbeiter-Welt  
steht der KPD nahe  
1936 Auflösung

**LA VOZ DEL DÍA**  
Rundfunksender  
gegründet: August 1938  
Leitung: Hermann P. Gebhardt

**DIE ZEIT / EL TIEMPO**  
1934-1938 deutschsprachig,  
nationalkonservativ  
ab 1938 antisemitisch  
Hrsg: Dr. Eric Schoenemann  
dito: LA VERDADERA  
ALEMANIA

**DEUTSCHES KOMITEE ZUR UNTERSTÜTZUNG  
DES REPUBLIKANISCHEN SPANIENS**  
gegr.: Frühjahr 1938  
Vorstandes: Willi Eckermann  
1939 Auflösung, Beitritt zum FDK

**DEUTSCHES ANTI-FASCHISTISCHES KOMITEE**  
zur Unterstützung der Sowjetunion DAK  
gegründet: 21.07.1941  
Vorstandes: Willi Eckermann  
Sekretär: Kurt Wittenberg  
Kassierer: Hermann Sedemichler  
(KPD Mitglied, vorher FDK)  
seit September 1943 Mitglied des  
"LATINAMERIKANISCHEN KOMITEES DER  
FREIEN DEUTSCHEN" LAKFD (Montevideo)  
Zeitschrift: "Informationsblatt des DAK"  
1943-44

**FREIER DEUTSCHER CLUB FDK**  
gegründet: März 1939  
Vorstandes: Otto Hausmann (KPD)  
Gründungsmitgl. Willi Eckermann, O. Hausmann,  
Justus Ebbinghaus, Friedrich L. Egerthal (KPD)  
Dr. Edwin G. Zelnickin (SPD)  
Zeitschrift: Juni 1939 "Deutsche Einheit  
gegen den Faschismus"  
No 1 - No 2 (August 1939)  
1941: Das freie Wort  
bis 1943  
  
Auflösung des FDK im Dezember 1943  
und größtenteils Beitritt zum DAK  
Mitgliedertabelle zum Schluss gemischt als DAK

**FREUNDKREIS DES FREIEN DEUTSCHLAND**  
Aug.-Okt. 1942 gegründet, Gründungsmit-  
glieder u.a. Hermann P. Gebhardt, H. Sedemichler  
u.a. Mitglieder des DAK, J. Oden, E. Kroch

**DAS ANDERE DEUTSCHLAND DAD**  
gegr.: 09.06.1937 in Buenos Aires  
Dr. August Siemsen  
Zeitschrift: DAS ANDERE DEUTSCHLAND  
vorübergehend in Montevideo gedruckt 2/1943-  
04/1944. EIGENE SEKTION DES DAD in Montevideo unter Friedrich Jörnes

Anschluss an die  
**FREI-DEUTSCHLAND-ZE-  
WEGUNG** unter  
Otto Grassler (von  
Kanada aus 1940-1954  
im Exil, ehemals Leiter  
Riga der NSDAP →  
nach Parteiaustritt 1931  
Gründung der Schwarzfront  
1932 Gründung der  
Schwarz-Front in Uruguay  
durch ehemalige  
NSDAP-Anhänger  
unter den Aus-  
landsdeutschen)  
erzkonservativ-  
reaktionär, natio-  
nalistisch, anti-  
semitisch

Programação da rádio *La Voz del Día* (manuscrito): Grupo político no exílio no Uruguai, por Hermann P. Gebhardt. Montevideu, agosto de 1948. Prezi Vídeo. Disponível em: <https://prezi.com/iry0kmqurtk2/hermann-p-gebhardt/>. Acesso em: 11 set. 2020.